

17 JAN 1932

FOLHA DE S. PAULO

Para não falar de secessão

José Sarney

Os regionalismos também criam paixões avassaladoras, embora diferentes do nacionalismo, já que aquele é apenas uma relação geografia e população. As tensões que se formam nesta área, num país continental, não devem ser desprezíveis.

Assim, sou tentado a não excluir esse tema dentre os mais sérios que teremos de enfrentar no século 21. Há um processo em marcha de exacerbação das desigualdades regionais, de perda progressiva da auto-estima nacional, de destruição do ideal patriótico. Esses fermentos não são bons conselheiros.

Outrora vivemos o encanto do verde-amarelismo, da "Aquarela do Brasil", "Meu Brasil, eu te amo" etc. Essa fase foi substituída pelas canções de protesto e a indagação: "que país é este?". O marxismo-leninismo, e aí o trotskismo também, era uma idéia de internacionalização. Classes, e não fronteiras. A pátria era a revolução proletária. O descrédito nacional, uma estratégia da tomada do poder. Era "snob" e de bom-tom repetir a frase de De Gaulle, que era de Rubem Braga: "Este não é um país sério". O tempo e as crises agravaram o pessimismo, o maior da América Latina.

Surpreendem, mas preocupam, assim, movimentos pela independência do Rio Grande do Sul e outros, com participação de grupos ativistas. O Nordeste já tem até um hino e, em São Paulo, 1932 permanece como um marco de ressentimento.

Estamos vacinados contra a proliferação e o crescimento dessas investidas? Não sei. Olhemos a América espanhola. O seu mapa político tem uma só vertente linguística e cultural, mas dividiu-se, ao contrário da América portuguesa. O motor desse processo foi regional e não étnico, ou político-ideológico. Não foi modismo.

Não se pode dizer, também, que aqui não tenhamos tido manifestações regionalistas com conotações separatistas. A própria ~~in~~confidência era de Minas Gerais. A adesão de outras províncias, uma vaga hipótese. E a Confederação do Equador, que falava no "governo das seis províncias", que nos marcou com o fuzilamento de Frei Joaquim do Amor Divino e Caneca? Ninguém aceitou enforcá-lo. Outros condenados: o Padre Mororó, do Ceará, e até um norte-americano, Heide Rodgers. Os ossos de D. Pedro 1º, quando passaram em Recife, contra eles ainda clamavam o povo e as pedras. Houve protestos!

As revoluções Praieira, Cabanagem, Balaios, Setembrada foram um misto de movimentos populares e manifestações profundamente regionais. Mesmo no Amapá tivemos a República do Cunani, chefiada por Veiga Cabral, o Cabralzinho, figura interessante e guerreira. Editou legislação do direito civil, penal e até sobre abastecimento, como informa Sílvio Meira. O Decreto nº 5, ao contrário do AI-5, não cassava mandatos, mas dizia: "Todo e qualquer indivíduo que faltar respeito às famílias com palavras obscenas será preso sumariamente, condenado a três meses de prisão".

Em cada um desses movimentos havia o sentimento de República, mas uma motivação local, regionalista. A idéia de Brasil grande país, os Estados Unidos do Sul, é da metade do século 19 e deste século.

Os ingredientes da unidade passaram a ser consciência nacional depois da consolidação política. Cabe à nossa geração exorcizar os demônios dessas ameaças, para manter essa unidade que herdamos.

O país precisa diminuir os desniveis espaciais para evitar o ressentimento regional; e a má distribuição de renda, para que o povo volte a cantar "Meu Brasil, eu te amo!"

José Sarney escreve às sextas-feiras nesta coluna.